



---

DOI: 10.30681/issn23163933v25n02/2018p02-24

## DO ERRO À CRIATIVIDADE EM REDAÇÕES DE VESTIBULAR

\*\*\*

### FROM ERROR TO CREATIVITY IN BRAZILIAN STUDENTS ESSAYS

Marília Blundi Onofre<sup>1</sup>  
Stéfano Grizzo Onofre<sup>2</sup>

Recebimento do Texto: 25/05/2020

Data de aceite: 18/06/2020

**RESUMO:** O objetivo, neste artigo, é demonstrar a contribuição da atividade epilinguística para se pensar a relação entre criatividade e erro em ocorrências linguísticas de deslocamentos enunciativos temporais. O epilinguismo é uma atividade metalinguística pré-conciente que permite articular a Teoria das Operações Enunciativas ao ensino e aprendizagem de produção e interpretação de textos. Defendemos que essa atividade traz condições para a teorização de como os sujeitos enunciadores produzem significação na leitura e na escrita. O resultado dessa reflexão apontou que o relato e a interpretação não são formas de enunciação tão estáveis quanto parecem ser. A partir disso, concluiu-se que a noção de criatividade e erro assume outro sentido à luz do quadro culioliano: a criatividade é de fundamento e a avaliação positiva ou negativa dessas ocorrências são apenas estabilizações possíveis, cristalizadas pelos sujeitos enunciadores. Os deslocamentos enunciativos comprometem, em alguns casos, os textos, mas também podem ser pensados como potenciais que alargam a espessura dialógica dos sujeitos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Atividade Epilinguística; Tempo, Modo e Aspecto; Enunciação; Ensino e Aprendizagem.

**ABSTRACT:** The aim, in this article, is to relate the epilinguistic activity to the notion of creativity and error in an example that contains temporal enunciation shifts. The concept of epilinguistic is a pre-conscious metalinguistic activity – postulated by Culioli – that is relatable to the competences of reading and writing in teaching-learning context. We argue that the theoretical framework of Culioli's theory allows us to simulate how the utterer produces meaning through his language activity. After bridging the gap between theory and practice, we demonstrate that the examples discussed in this paper has competing interpretations. The examples used are from our thesis. We postulate that the uttering shifts we identified in students essays derives from the interaction between the categories of time, aspect and modality. These categories are relevant to explain how the utterer utters the world; if one narrates it or commentates it.

**KEYWORDS:** Epilinguistic Activity; Time, Modality, Aspect; Enunciation; Learning and Teaching.

---

<sup>1</sup> Professora Doutora do Programa de Pós Graduação em Linguística da UFSCar, São Carlos, SP. E-mail: blundi@uol.com.br

<sup>2</sup> Professor Doutor da Academia da Força Aérea de Pirassununga, SP. E-mail: tefo42@hotmail.com





## Considerações Iniciais

A presente discussão parte do recorte de um exemplo representativo de nossa pesquisa de doutorado cujo objeto de estudo foi ocorrências deslocadas de planos enunciativos temporais. Defenderemos que o exemplo selecionado<sup>i</sup> exprime os resultados a que chegamos com a pesquisa e ilustra como se concebe, na Teoria das Operações Enunciativas<sup>ii</sup>, o diálogo entre a Linguística e o ensino e a aprendizagem de língua materna.

Para a TOE, a atividade de linguagem, que se materializa pela língua, é resultante de processos linguístico-cognitivos que podem ser restituídos a partir texto. A identificação e análise dessas operações linguísticas sustentarão uma reflexão sobre o estatuto do uso deslocado de tempos verbais em produções textuais de vestibular.

O quadro teórico adotado permite-nos associar as inferências linguísticas às quais recorreremos como falantes às formalizações linguísticas que desenvolvemos como analistas, e, nesse movimento, consideramos ser possível promover o desenvolvimento linguístico-cognitivo dos alunos. As articulações propostas, entre linguística e ensino, entre linguagem e cognição, entre linguagem e língua, nas quais se sustentam nossas reflexões, possibilitam a compreensão do conceito de criatividade linguística, tal como fora empregado por Franchi (2006), que ganhou expressividade nas propostas de ensino.

No contexto da reflexão culioliana, em que focalizamos o exercício de produção textual no ensino e aprendizagem de língua



materna, temos em vista o processo gerador da articulação entre mecanismos enunciativos e a produção textual, o que significa, entre outras questões, verificar as diferentes possibilidades de modulações gramaticais e discursivas. Algumas modulações nem sempre estão entre as ocorrências validadas pelos quadros linguísticos, distanciando-se de enunciados padrão, e, até mesmo, daqueles que já ganharam reconhecimento como subvertidos<sup>iii</sup>. São essas ocorrências que nos chamam a atenção e que serão nosso objeto de análise neste texto.

A análise que será demonstrada neste artigo é a síntese dos resultados da análise mais ampla de um *corpus* composto por redações de vestibular. Nessa coletânea, o objetivo foi identificar ocorrências de uso deslocado de planos enunciativos temporais. O que motivou a compilação dessas ocorrências foi identificar como o fenômeno do deslocamento enunciativo temporal pode ser abordado no ensino. Durante a classificação das ocorrências, percebemos que elas tratavam de fenômenos que, sob a ótica culioliana, instalam-se entre o erro e a criatividade.

Começaremos a reflexão por meio de uma apresentação sucinta do objeto de análise e levantaremos algumas indagações; em seguida, apresentaremos a metodologia utilizada para a análise do exemplo selecionado. Realizada a apresentação do quadro teórico-metodológico, defenderemos a importância de instalar-nos em um lugar fronteiro entre o erro e a criatividade linguística.

## 1 Do objeto de pesquisa





Para ilustrar essa discussão mais ampla, desenvolvida na pesquisa de doutorado, partiremos do recorte de três exemplos representativos.

O exemplos<sup>iv</sup> seguintes, recortados de três produções textuais de vestibular, são representativos dos casos a que nos referimos, por se tratar de ocorrências que instauram dois eixos temporais, à primeira vista, incongruentes. Vejamos:

(1) Hoje em dia, no nosso país, a saúde está sendo deixada de lado, pelos governantes desse país. Só escutamos promeças em épocas de eleições, e não **vimos** benefícios nenhum ao longo do ano. Porém em certos lugares ainda temos ações preventivas, nesse assunto entramos em outro problema que é a dificuldade que os estados encontraram ao lançarem ações preventivas.

(2) São Paulo, 14 de outubro de 2008. O circo alegria, muito conhecido na região, é denunciado por praticar o ato de abuso e maus tratos aos animais que **participavam** de suas apresentações. A denuncia foi feita por moradores próximos do circo que ficaram indignados com as cenas de crueldade que viam constantemente. O circo foi fechado e atuado com uma multa no valor de cem mil reais.

Esse é apenas um dos muitos fatos que ocorrem no Brasil e no mundo relacionados ao mau trato de animais, sendo eles domésticos ou não. Alguns exemplos desses maus tratos são os rodeios carrocinhas, vaquejadas, circos, gaiolas, vivisseção, etc. Em nosso país existe a lei 9605, conhecida como lei de crimes ambientais que criminaliza a conduta de quem “praticar ato de abuso, maus tratos, ferir ou mutilar animais silvestres, domésticos ou domesticados, nativos ou exóticos.



---

(3) Enquanto a classe média alta se dispõe da mais moderna tecnologia e dos melhores médicos da saúde privada, o sistema de saúde pública é precário. Hospitais lotados, pessoas morrendo nos corredores, equipamentos de pior qualidade e poucos médicos. Isso contradiz com a constituição, que prevê o acesso universal e igualitário às ações e serviços de saúde, com prioridade para ações preventivas. Tais ações preventivas submetem o Estado a tomar medidas de conscientização da população, o que não é fácil quando não se consegue nem educar a população direito. Não tem como forçar, por exemplo, as pessoas a evitarem a dengue ou o câncer quando elas não **tiveram** uma educação básica.

Diante dos excertos apresentados, algumas indagações serão referenciais para este texto, quais sejam: considerando as modulações temporais presentes em negrito, é possível afirmar que há incongruência na instauração da temporalidade verbal? Essa incongruência consistiria em um caso de erro linguístico? Qual a relevância de se tratar desses casos no contexto do exercício da produção textual no ensino-aprendizagem de língua, quando o que se pretende é o desenvolvimento da competência discursiva dos alunos?

## 2 Quadro teórico: a atividade epilinguística

O conceito de atividade epilinguística designa um raciocínio silencioso que subjaz à atividade de produção e reconhecimento de formas linguísticas. Além de se tratar de uma operação de usura da linguagem





pela linguagem, a atividade epilinguística é uma atividade metalinguística não consciente. Esse termo - criado pelo linguista francês Culioli (2005) - responde aos anseios de um modelo cujo objetivo é apreender a linguagem por meio das línguas naturais.

O que motivou a criação do termo foi a dificuldade encontrada pelo linguista em designar a existência de um raciocínio silencioso na atividade de produção e reconhecimento de textos. O acesso a esse raciocínio, portanto, ocorreria pela identificação de indícios deixados na língua. Tais rastros demonstrariam ser a atividade epilinguística uma espécie de racionalidade pressuposta nas formas linguísticas.

Ainda que essa atividade de linguagem não fora criada especificamente para o ensino, a aproximação mostrou-se viável: o trabalho da professora Leticia Marcondes Rezende, no contexto brasileiro, realiza tal diálogo.

A interface dessa atividade com o contexto de ensino e aprendizagem objetiva explicitar os processos dialógicos da linguagem no texto. Nesse sentido, a reflexão de Rezende (2008) é motivadora para se propor mecanismos que levem o sujeito a pensar sobre o seu pensar.

Conforme a pesquisadora, a parafraseagem e a desambiguação são operações essenciais do processo epilinguístico e explicitam como os valores semânticos são construídos.

Parafraseagem<sup>v</sup>, nesse contexto, remete a um processo de linguagem cuja alteração da propriedade semântica de um conteúdo nocional é provocada pela modificação sutil da estrutura do enunciado, seja por uma



glosa, seja por uma troca pontual de uma marca linguística específica. A parafraseagem conduz à operação correlata de desambiguação.

A operação de desambiguação ancora-se na ambiguidade constitutiva da linguagem, ou seja, em uma indeterminação de fundamento. A partir dessa indeterminação é que se constata a presença de uma variação radical no universo linguístico. Nesse contexto, o sujeito está a todo o momento tentando sanar essa ambiguidade por meio da construção de paráfrases.

O conceito de paráfrase e de ambiguidade utilizados pela pesquisadora não remete às acepções clássicas dos termos. A paráfrase, na dimensão da atividade epilinguística, não seria dizer a mesma coisa por uma outra forma, posto que mudanças mínimas de significado poderiam produzir novos sentidos. A ambiguidade não remete apenas a ocorrências sintáticas ou lexicais pontuais, mas também a uma indeterminação que se instaura na base de cada interpretação efetuada pelos sujeitos.

Pautada nessa situação de indeterminação permanente, Rezende (2008) afirma que os sentidos estão em eterna construção. Isso explica a existência de diferentes estabilizações dos cenários psicossociológicos deflagrados pelos textos.

A condição permanente de indeterminação é ao mesmo tempo o céu e o inferno dos sujeitos, segundo Rezende (2008):

É o céu porque senão o sujeito seria monolítico, uma pedra, um bloco. É o inferno porque ele precisa constantemente se equilibrar, se encontrar, se construir face a si mesmo como outro, e face ao outro, o outro mesmo; não é o processo de comunicação que sustenta essa visão de





linguagem, mas os mecanismos biológicos de equilíbrio presentes em todos os seres vivos, e a linguagem é, no homem, tal mecanismo; não devemos valorizar pontos estáveis de valores ou significados ou contornos. (REZENDE, 2008, p. 98)

Essa concepção de produção de sentidos não considera que haja um sujeito acoplado ao texto. O sujeito tem a tarefa de se equilibrar a todo o momento na busca incessante pela diminuição dessa indeterminação original.

A introdução do conceito de atividade epilinguística permite também redirecionar o estatuto daquilo que as descrições estáticas de língua elegem como fenômenos de fronteira ou periféricos. Rezende (2008) ressalta que:

Vários conceitos, em consequência, caem por terra. Como defender conceitos tais como: intralingua, interlínguas, interface lingüística, lingüística contrastiva, efeitos de sentidos? Esses conceitos caem por terra não porque não sejam importantes, mas porque são centrais e não são mais vistos como fenômenos de fronteira ou periféricos, mas pertencentes a domínios que – em oposição aos domínios mais puros ou teóricos que excluem o sujeito e suas particularidades – os incluem, tais como, a estilística ou a lingüística aplicada. (REZENDE, 2008, p.98)

Os valores sistematizados por descrições estáticas de língua perdem sua relevância diante de uma atividade que torna visível um mecanismo estruturante dos sentidos. A atividade epilinguística tem o potencial de permitir ao professor visualizar representações que escapam a uma abordagem sistematizada da língua.



Quando reinserimos a linguagem no processo de ensino e aprendizagem, abrimos espaço também para a entrada de representações linguísticas nem sempre previstas nos manuais de língua. É por esse motivo que as operações de parafraseagem e desambiguação importam tanto para a educação, pois oferecem subsídios para que percebamos a singularidade dos fenômenos linguísticos. Desse modo, o centro da reflexão é a construção de um ponto de vista sobre o movimento dialógico entre os diversos valores semânticos disponíveis à representação.

A contribuição pedagógica da atividade epilinguística está, portanto, em sua capacidade de oferecer um ponto de vista diferente a respeito do uso da língua. Como afirma Rezende (2008):

Todas as classificações e tipologias devem ser questionadas, pois a atividade epilinguística nos joga nos vasos comunicantes que existem entre os sistemas ou contornos, ou entre pontos razoavelmente estáveis. (REZENDE, 2008, p.99)

A passagem acima, para a reflexão em pauta, é flagrante do caráter formativo da atividade epilinguística no ensino, pois fornece subsídios para o estudo da descentralização do sujeito face a si próprio e ao outro. A descentralização passa pelo reconhecimento de que o sistema também é resultado de uma construção interior cuja medida é a identificação do que seria a língua para o outro. Em outras palavras, o reconhecimento da história, do estável, enfim, da objetividade surge pela capacidade de o sujeito suspender uma visão egocêntrica a respeito do mundo. A escola, muitas vezes, não é capaz de provocar, conscientemente, esse exercício de



abstração e o substitui por sistemas e subsistemas. O que Rezende (2008) parece defender, ao aproximar o epilinguístico do ensino, é a introdução de práticas de linguagem que favoreçam o movimento entre as diversas polarizações presentes no contexto escolar.

Em Rezende (2008), parece-nos que o epilinguístico pode ser interpretado não só como um conceito metalinguístico, mas também como um olhar pedagógico sobre o diálogo. É por essa razão que o conceito de gramática, seja ele estrutural ou gramatical, precisa ser concebido à luz dessa reflexão proposta pela autora.

Uma forma de abordar o problema da articulação entre criatividade e erro seria teorizar a linguagem e buscar traços dessa formulação nas línguas naturais. Esse é o procedimento metodológico utilizado pela linguística enunciativa de Culioli (1990).

### **3 Quadro metodológico: léxico e gramática na estruturação dos planos enunciativos**

A atividade epilinguística é a hipótese de existência de uma gramática pré-consciente na enunciação, o quadro metodológico, por extensão, resulta da esquematização metalinguística dessa atividade. A análise que se almeja demonstrar aqui, ao se pautar pelo quadro da TOE, tem o objetivo de representar linguisticamente as possíveis interpretações obtidas por meio do uso da categoria enunciativa temporal em contextos de planos de enunciação deslocados.



Identificamos, no exemplo, o tempo verbal a fim de propor uma análise da constituição dos planos enunciativos em estruturas textuais dissertativas. Decidiu-se estabelecer como marco linguístico o tempo verbal por dois motivos:

- 1) Metodológico: acessar uma discussão sobre os planos enunciativos, que é complexa, por meio dos tempos verbais e da noção de tempo-modo-aspecto;
- 2) Organização do *corpus*: Abordar tempos verbais tipicamente associados a textos com características densas preponderantes.

Desses textos, foram selecionadas estruturas linguísticas cujas noções de aspecto modo e tempo são relevantes para a constituição dos planos de enunciação. Assim, almeja-se explorar possíveis estabilizações linguísticas de planos enunciativos temporais deslocados.

As marcas selecionadas como responsáveis por instanciarem formas de alteridade das ocorrências temporais emergem da discussão de como o tempo pode ser retraçado pela identificação da noção de processo e do tipo de formatação nocional implicada no enunciado. Nosso intuito, portanto, não é apenas identificar e descrever os funcionamentos implicados nos textos, mas provocar os diferentes caminhos possíveis de estabilização interpretativa do tempo. Essa discussão toma corpo a partir das discussões de Culioli (1999a) sobre o tipo de instanciação de ocorrências de uma noção. Como podemos ver nos trabalhos dos pesquisadores a seguir.

Tanto a pesquisa de Tzevelekou (1995) como o trabalho de Vogüé (1989) recuperam a abordagem culioliana para estudar o sistema aspectual



---

e temporal. A reflexão teórico-metodológica para analisar (1) pauta-se no tipo de ancoragem de uma noção via a identificação da forma de instanciação da noção de processo. A referência aos processos de instanciação Quantitativo (Qnt) e Qualitativo (Qlt) da noção, nesta pesquisa, traz o benefício de provocar uma reflexão sobre deslocamentos enunciativos temporais.

Na leitura de Tzveleku (1995) as ocorrências de uma noção podem ser identificadas da seguinte maneira:

A singular, que é um tipo de ocorrência situacional, remete a propriedades Quantitativas e Qualitativas de um tipo de determinação espacial e temporal da noção;

- 1) Os parâmetros S (Enunciador) e T (Tempo) são relevantes nesse arranjo nocional;
- 2) Existe a ordenação entre o momento da enunciação e momento do processo, que resulta nos valores de anterioridade, posterioridade e concomitância;
- 3) As ocorrências situacionais derivam da modalidade assertiva.

As ocorrências exemplares possuem as seguintes características:

- 1) São ocorrências que não se ancoram no espaço e no tempo, sendo o parâmetro S seu polo de referência;
- 2) Remetem a uma ocorrência abstrata de uma noção, ou seja, apresentam características intensionais;
- 3) Derivam de uma modalidade pré-assertada.

As reflexões formais não se aplicam, diretamente, à análise das ocorrências das produções textuais de vestibular, mas provocam



---

simulações linguísticas suas formatações nocionais nos enunciados. Como podemos constatar nos exemplos (2) e (3), recortados do *corpus* de pesquisa de doutorado, que não serão objeto de análise mais detalhada neste artigo:

(2) São Paulo, 14 de outubro de 2008. O circo alegria, muito conhecido na região, é denunciado por praticar o ato de abuso e maus tratos aos animais que **participavam** de suas apresentações. A denuncia foi feita por moradores próximos do circo que ficaram indignados com as cenas de crueldade que viam constantemente. O circo foi fechado e atuado com uma multa no valor de cem mil reais.

Esse é apenas um dos muitos fatos que ocorrem no Brasil e no mundo relacionados ao mau trato de animais, sendo eles domésticos ou não. Alguns exemplos desses maus tratos são os rodeios carrocinhas, vaquejadas, circos, gaiolas, vivisseção, etc. Em nosso país existe a lei 9605, conhecida como lei de crimes ambientais que criminaliza a conduta de quem “praticar ato de abuso, maus tratos, ferir ou mutilar animais silvestres, domésticos ou domesticados, nativos ou exóticos.

(3) Enquanto a classe média alta se dispõe da mais moderna tecnologia e dos melhores médicos da saúde privada, o sistema de saúde pública é precário. Hospitais lotados, pessoas morrendo nos corredores, equipamentos de pior qualidade e poucos médicos. Isso contradiz com a constituição, que prevê o acesso universal e igualitário às ações e serviços de saúde, com prioridade para ações preventivas. Tais ações preventivas submetem o Estado a tomar medidas de conscientização da população, o que não é fácil quando não se consegue nem educar a população direito. Não tem como forçar, por exemplo, as pessoas a





evitarem a dengue ou o câncer quando elas não **tiveram** uma educação básica.

O que pretendemos argumentar com isso é que as ocorrências de coordenadas temporais estão relacionadas ao tipo de ocorrência de uma noção. Contudo, os exemplos que foram analisados em nossa tese remetem a ocorrências temporais mais ou menos deslocadas do contexto enunciativo do qual fazem parte. Por isso, a análise que se objetiva desenvolver aqui instala-se na tentativa de aproximar a teorização de como são estruturados os valores temporais a enunciados em que a intuição, isto é, a parafrasagem, leva à identificação de possíveis caminhos de ajustamento da expressão linguística dos sujeitos enunciadoreis.

O processo de construção de sentido é resultado de um trabalho de linguagem cuja origem é simulada por operações enunciativas. O locutor<sup>vi</sup>, nesse contexto, é a origem da ancoragem da enunciação, mas não do processo de linguagem que o sustenta. Nesse sentido, pode-se afirmar que o conteúdo semântico é produzido por um arranjo formal específico. A estabilidade, portanto, emerge toda vez que esse arranjo de formas linguísticas é interpretado pelo locutor. A variabilidade, portanto, é de princípio, e, por essa razão, nada garante a existência de uma maneira fechada atribuir o sentido a um enunciado. A discussão dos planos enunciativos nasce pelos tipos de interpretações que um enunciado pode sofrer. Logo, o desdobramento do sentido emerge pela plasticidade subjacente ao linguístico.



A fim de se sustentar a análise levantada, julga-se necessário situar o problema dos planos de enunciação em relação à categoria enunciativa de tempo. Em seguida, apresentaremos o instrumental metodológico que sustenta a análise do exemplo (1) que será apresentado adiante.

Na linguística enunciativa culioliana, o tempo é calculado a partir de uma determinada ocorrência da noção. Nesse modelo teórico, as marcas linguísticas permitem construir diferentes valores temporais. Pode-se considerar que o passado está presente em diferentes empregos de tempos verbais. Tomemos os seguintes exemplos artificiais:

- (4) Três dias depois, ela o **encontra**
- (4a) Três dias depois, ela o **encontrou**
- (4b) Três dias depois, ela o **encontrava**
- (4c) Três dias depois, ela o **encontraria**
- (4d) Três dias depois ela o **encontrará**

Os exemplos de (4) a (4d) expressam um ponto de vista construído no passado, havendo variação em elementos aspectuais, modais e temporais que refletem o tipo de estruturação da orientação enunciativa. Esses exemplos artificiais simulam a importância da intuição envolvida no uso das formas linguísticas dos tempos verbais em cotexto e contextos similares.

A seguir glosamos os enunciados para demonstrar como tempo, aspecto e modo estão imbricados na estruturação da enunciação e deixam-se marcar pela atividade de parafraseagem.



O exemplo (4) marca o momento do encontro situado fora de qualquer traço de orientação que remeta à enunciação <eu, aqui, agora>:

(4) Três dias depois, há o encontro.

Há em (4) o funcionamento histórico do presente cujo ponto de referência é o adjunto adverbial.

Em (4a), o valor adverbial situa o enunciado no passado com um valor aspectual acabado, o que remete a uma certeza, por parte do enunciador, de que o encontro ocorreu:

(4a) Quando houve o encontro foi quando já havia passado 3 dias a partir de x.

Em (4b), Marca o desenrolar do encontro que começa após os três dias e perdura um tempo indeterminado no passado:

(4b) Três dias depois, ela está encontrando-o.

O enunciado (4c) remete a um ponto posterior ao passado que também pode referir-se a uma incerteza do sujeito do enunciado (representado pelo pronome ela) sobre um encontro ocorrer ou não:

(4c) Sobre o encontro ocorrer. Ocorrerá. Ela não sabia que ocorreria. Três dias depois, ela o encontraria.

A partir de um dado ponto no futuro o encontro ocorrerá:



(4d) Quando ela o encontrará? Terão se passado três dias.

Essas glosas representam as operações de localização entre o instante de locução, instante de enunciação e instante da relação predicativa, separáveis apenas em um plano formal, que assumimos serem responsáveis pela identificação dos distintos planos de enunciação implicados na construção linguística do aluno.

Os exemplos acima traduzem a localização enunciativa que é representada pelos operadores  $\underline{\in}$ ,  $=$ ,  $\neq$ ,  $\omega$  e  $*$  e permite a construção de diversas categorias linguísticas. Essas operações não parecem restringirem-se a alguma categoria gramatical específica, como atesta Dufaye (2007) ao caracterizar esses operadores como transversais. Os operadores em questão foram propostos por Culioli (passim, 1990, 1999a, 1999b), após a observação de diferentes fatos linguísticos, como operadores primitivos na constituição do enunciado.

O operador de localização  $\underline{\in}$  desdobra-se em operações de identificação ( $=$ ) e diferenciação ( $\neq$ ), as quais, na visão de Culioli, são derivadas da seguinte relação : se um termo  $x$  é localizado por outro termo  $y$ , então,  $y$  é localizador do termo  $x$ . Portanto, se há uma equivalência<sup>vii</sup> entre essas duas operações, pode-se afirmar que existe uma identificação entre  $x$  e  $y$ , o que Culioli notaciona como  $x = y$ . Dessa relação de identificação, chega-se à conclusão de que a identificação entre o termo  $x$  e  $y$  não é estrita, então propõe-se também  $x$  como diferente de  $y$ . A operação  $\omega$  marca a ausência de relação entre dois termos, ou seja, trata-se uma ruptura em relação à enunciação. Por sua vez, o símbolo  $*$  representa



---

uma composição dos valores = e  $\neq$ . Essa discussão fundamenta teoricamente o uso de glosas para determinar os tipos de ocorrências enunciativas do tempo nos enunciados. São conceitos técnicos que não serão ampliados neste artigo. Levantou-se a definição de localização apenas para demonstrar que as glosas são o ponto de entrada para as formalizações propostas por Culioli. Não temos o intuito de formalizar as análises apresentadas neste texto, porém é válido demonstrar que, quando o sujeito enunciador faz a parafrasegagem, são essas as operações que estão pressupostas nos usos deslocados dos tempos verbais.

Por meio da parafrasegagem, conduziremos, mais adiante, a discussão do exemplo (1). A reflexão sobre a atividade epilinguística direciona um ponto de vista diferente para a gramática em contexto de ensino e aprendizagem. Por isso, o epilinguismo é importante para o ensino de produção e interpretação de textos, pois pode ajudar o professor a operar com as significações situadas na fronteira entre o erro e a criatividade.

O exemplo (1) possui um uso temporal do pretérito perfeito que consideramos deslocado:

(1) Hoje em dia, no nosso país, a saúde está sendo deixada de lado, pelos governantes desse país. Só escutamos promeças em épocas de eleições, e não **vimos** benefícios nenhum ao longo do ano. Porém em certos lugares ainda temos ações preventivas, nesse assunto entramos em outro problema que é a dificuldade que os estados encontraram ao lançarem ações preventivas.





A ideia de deslocamento não incorre em um juízo negativo a respeito de (1). Existe a possibilidade de se pensar (1) por meio de dois pontos de vista: como linguista e como falante. No universo da TOE, sabe-se que a atividade de linguagem é um processo criativo de fundamento, e o sujeito opera pré-conscientemente na construção de todo e qualquer processo de estruturação linguística. Por outro lado, como falantes do português, sabemos que certas composições linguísticas, embora sejam gramaticalmente aceitáveis, não possuem a significação mais adequada à situação. É por meio dessa articulação que o trabalho com a atividade epilinguística pode auxiliar o professor a demonstrar as nuances dos sentidos.

A partir de uma descrição e manipulação do exemplo, demonstraremos que a recuperação da localização temporal do uso deslocado de um tempo verbal permite retrair possíveis estabilizações dessa categoria:

(1) Hoje em dia, no nosso país, a saúde está sendo deixada de lado, pelos governantes desse país. Só escutamos promeças em épocas de eleições, e não **vimos** benefícios nenhum ao longo do ano. Porém em certos lugares ainda temos ações preventivas, nesse assunto entramos em outro problema que é a dificuldade que os estados encontraram ao lançarem ações preventivas.

Destacamos de (1) o enunciado (1a):

(1a) Só escutamos promeças em épocas de eleições, e não **vimos** nenhum benefício ao longo do ano.



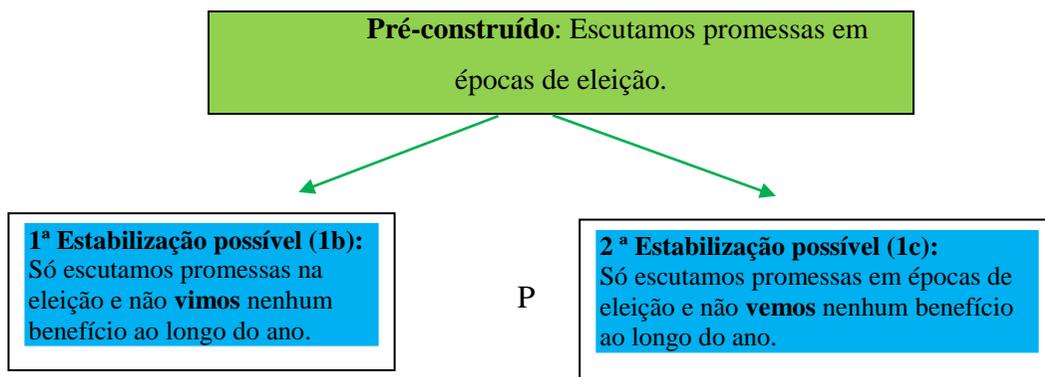


O quadro teórico da enunciação culioliana permite postular que certos enunciados são construídos a partir de um pré-construído. A pré-construção tem um estatuto linguageiro e é acessível apenas se se considera que os enunciados são resultados de operações de linguagem simuladas pelo pesquisador/linguista. Nesse caso, estamos considerando que o passado pode ser o traço de um enunciado prévio que serve de localizador do enunciado (1a). Escolhemos representar a marca em negrito por meio de um enunciado cuja estabilização pode ser tanto Quantitativa (Qnt) quanto Qualitativa (Qlt). Isso significa que o pré-construto:

Pré-construído: Escutamos promessas em épocas de eleição.

Pode direcionar tanto a uma interpretação que centraliza o tempo em torno de uma ocorrência singular da escuta de uma determinada promessa quanto a uma que remete à exemplaridade da ocorrência temporal em que a promessa é interpretável como algo cuja ocorrência torna-se menos singular (Qnt) por acontecer sempre em épocas de eleição.

Esquema 1: Parafraseagem





---

Por essa razão é que consideramos que a recuperação da situação enunciativa<sup>viii</sup> que sustenta o exemplo (1) contribui na explicitação dos distintos planos temporais implicado no exemplo.

Segundo os princípios teóricos da orientação, os enunciados procedem a localizações situacionais<sup>ix</sup> pelo jogo de alteridade que se dá entre a noção e a ocorrência de uma noção. No caso de (1a), remete-se a uma coordenada temporal situada no passado, que defendemos ser recuperável pela identificação do valor mais singularizável da ocorrência de uma <promessa>, ativada pelo uso do pretérito perfeito.

A ideia de apresentarmos os esquemas 1 foi demonstrar a possibilidade de se realocar as distintas estabilizações temporais abertas pelo uso do pretérito perfeito e do presente, visto que em (1a) o uso do pretérito perfeito pode conduzir a uma interpretação deslocada do tempo no contexto enunciativo considerado.

As duas estabilizações possíveis demonstram que o pré-construído sustenta duas paráfrases as quais representam as situações enunciativas singular (Qnt) e exemplar (Qlt). A construção representada por (1b) no Esquema 1 exprime o enunciado que formata temporalmente a ocorrência da promessa e da eleição. Trata-se daquela eleição que o sujeito enunciator presenciou e daquela promessa que foi verbalizada. No entanto, o contexto do excerto (1c) tematiza promessa e eleição como situações genéricas. Isso conduz à segunda estabilização possível (1c) na qual o presente remete a promessas e a eleições que não acontecem no horizonte da situação enunciativa, ou seja, promessas são vistas como qualidades ao próprio processo eleitoral.



A análise (1) do exemplo remete ao conceito de gramática de outra maneira e almeja valorizar os rastros linguísticos abertos pelo sujeito enunciador.

#### **4 Discussão da análise apresentada: repensar a gramática**

A proposta de gramática que norteia este artigo parte do reconhecimento de dois níveis: o primeiro seria o nível inacessível da cognição e o segundo o das representações linguísticas. O desafio de um trabalho sério com gramática no ensino, na perspectiva enunciativa da TOE, estaria em levar o locutor a perceber que a compreensão e o controle da língua são regidos por uma gramática pré-consciente que pode se tornar consciente. Para alcançá-la, seria necessário evitar transpor diretamente a metalinguagem culioliana, ou, a bem de verdade, qualquer metalinguagem que seja, para o fazer prático em sala de aula.

Um caminho de aplicação interessante seria permitir ao professor/pesquisador abordar alguns problemas que não são visíveis ou relevantes para enfoques gramaticais de ordem mais descritiva ou classificatória. A visualização desses problemas, em nossa opinião, surgiria do olhar teórico para a produção linguística do aluno. Essa relação implica um modo de se conceber o que significa falar em articulação teoria e prática na TOE, pois, o material linguístico, nessa perspectiva, agrega novos questionamentos ao modelo teórico: no caso do exemplo (1):

(1) Hoje em dia, no nosso país, a saúde está sendo deixada de lado, pelos governantes desse país. Só escutamos promeças



---

em épocas de eleições, e não **vimos** benefícios nenhum ao longo do ano. Porém em certos lugares ainda temos ações preventivas, nesse assunto entramos em outro problema que é a dificuldade que os estados encontraram ao lançarem ações preventivas.

A ocorrência em pauta levou-nos a tipificar (1) um como um caso de deslocamento de plano enunciativo temporal – conceito discutido com maior profundidade teórica em nossa tese de doutorado. O enunciado do qual o pretérito perfeito realçado em negrito faz parte:

(1a) Só escutam<sup>os</sup> promessas em épocas de eleições, e não **vimos** benefícios nenhum ao longo do ano.

(1a) não está gramaticalmente incorreto, porém no contexto do excerto (1) estamos considerando que a significação veiculada pode suscitar uma interpretação deslocada, fator esse que poderia comprometer a consistência da argumentação. O enunciado (1a), se interpretado no contexto do excerto (1), refere-se às eleições de modo genérico e passa a referenciar, sem qualquer transição, uma eleição de um ano específico situado no espaço e tempo do enunciador. Essa especificidade veiculada pelo pretérito perfeito parece não se encaixar em (1). A partir dessa interpretação possível, argumentamos que o deslocamento enunciativo se instaura na fronteira entre o erro e a criatividade. Não se pode dizer que (1a) é errado, porém também não podemos afirmar que (1a) é o comportamento divergente encontrado nos textos artísticos.

A temática proposta, que se relaciona ao tempo na enunciação, emergiu de uma pesquisa de doutorado na qual observamos ocorrências de



tempos verbais que, embora não sejam erros, veiculam significações mais ou menos deslocada.

Nas discussões sobre ensino, em geral, o tipo de reflexão gramatical que está presente no processo de ensino e aprendizagem está ancorado em uma concepção em que a linguagem é a expressão do pensamento. Os desdobramentos dessa proposta para o ensino, obviamente, são consequência da forma como o professor as transpõe para a dimensão prática. Isso significa que a teoria clássica, caso seja levada às últimas consequências, pode comprometer o processo de apropriação da arte de escrever e interpretar, à medida que reduz as formas linguísticas a uma arte de composição de proposições por meio das partes do discurso. O rigor exacerbado dos procedimentos classificatórios nocionais pode ser nocivo à tentativa de criar alguma forma de apropriação da atividade de escrita.

A noção de gramática não é um conceito unívoco, tão pouco suficiente para dar conta daquilo que Culioli (1990, 1999a, 1999b) menciona como a indeterminação que existe entre um locutor e outro no diálogo. O que existe, na realidade, por meio de uma metalinguagem, são tentativas de construir uma imagem próxima de propriedades comuns, ou seja, de categorias gramaticais que seriam responsáveis por reger as regras de constituição das classes de palavras e suas respectivas articulações na proposição.

A indeterminação da linguagem é a razão pela qual existem diversas concepções sobre linguagem e diversas formas de se construir uma fotografia do que seria a atividade de linguagem. Talvez seja por essa



razão que certas reflexões como, por exemplo, a tradicional, em que a linguagem é a expressão do pensamento, empregue grande importância a proposições que trazem um julgamento de caráter universal, que é a proposição assertiva positiva.

As três operações do espírito (conceber, julgar e raciocinar) são centrais para uma abordagem cujo centro é a expressão lógica do pensamento, e, por conseguinte, fenômenos linguísticos que retratem com clareza o raciocínio lógico são exemplares do que seria a linguagem.

Esse caráter explica, em parte, a dificuldade de se observar em textos de gramática prescritiva discussões sobre a existência de planos de enunciação. Reflexões sobre o tema podem ser timidamente identificadas nas seções que discutem os dêiticos e os pronomes.

Logo, pode-se concluir que os fenômenos enunciativos mais complexos não são centrais quando a expressão lógica do pensamento fundamenta a própria linguagem.

Por outro lado, não significa que não houve na tradição grega e medieval a teorização e, até mesmo, manuais de aplicação da enunciação. Na tradição, os problemas que envolviam enunciação originaram-se pela arte retórica e por suas concepções de persuasão sustentadas por noções como: os interlocutores, as paixões e o objeto do discurso (as provas). Alicerçadas na arte retórica, discussões que estavam a meio caminho da gramática e da enunciação tornaram-se relevantes no período medieval.

Nesse sentido, podemos afirmar que a enunciação, portanto, é um termo poroso tendo sido sujeito a inúmeras adequações ao longo dos séculos. É digno de nota a oscilação da enunciação como um fenômeno



relacionado às marcas linguísticas ou à presença do interlocutor no contexto.

É bem interessante, no entanto, ressaltar que no ensino é raro encontrarmos menção, pelo menos no período em que Franchi (2006) discute a necessidade de repensar a gramática na aprendizagem de língua materna, a trabalhos em sala de aula que acentuem o caráter interacional da linguagem no uso da língua.

Supomos que uma das dificuldades seja a separação histórica da gramática e da retórica, pois aquela almejava identificar as categorias gerais do pensamento e a outra o uso da língua no contexto prático. Se dermos um salto para o século XX, perceberemos que a enunciação veio a ser novamente recortada pela separação entre língua e linguagem, e uma das razões centrais para isso foi a delimitação do sistema da língua.

O propósito não é fazer uma história do conceito de gramática, mas o panorama apresentado é útil para demonstrar que as diversas readequações de fenômenos enunciativos oscilam entre a língua e a linguagem, e isso vai desde abordagens que recortam radicalmente a enunciação da língua até aquelas que colocam a língua como um subproduto, alcançável apenas por meio da enunciação.

Repensar gramática, na ótica enunciativa, pressupõe assumir um ponto de vista sobre a gênese da relação entre o sujeito e a língua cuja restituição, que de nenhuma maneira pode ser considerada como absoluta, diz respeito à teorização de uma forma de estruturação da predicação. Trata-se, efetivamente, de levar em conta a passagem de um conteúdo lexical pelo crivo avaliativo do sujeito. A retomada da gênese da



construção do sentido, para a TOE, pressupõe a existência de uma variação radical cuja determinação se dá por sua relação com distintos espaços e tempos.

O que se está propondo que seja incorporado a uma reflexão gramatical, portanto, é o reconhecimento de que há uma tensão permanente da relação da linguagem com a realidade, que emerge a cada interação entre os locutores. A questão central, portanto, para construção de uma reflexão genuinamente pedagógica, aliada à linguística enunciativa culioliana, está na capacidade de representar o modo de composição do processo de significação. É por essa razão que a isomorfia da linguagem com a realidade, encontrada nas polarizações, é improdutiva quando se privilegia - como defende-se na TOE - o processo de linguagem gerador da representação linguística.

O excerto de redação selecionado para ilustrar o que concebemos como deslocamentos enunciativos coloca em jogo valores que se encontram em confluência. Sabemos que as confluências podem tanto valorizar um texto como também desvalorizá-lo. Nossa contribuição reside no esforço de explorar quais mecanismos linguístico-discursivos permitem o tempo ser um fator argumentativo determinante na atividade de linguagem.

Explorar as nuances das relações temporais em um nível enunciativo pode contribuir para expandir a discussão sobre o tempo no Ensino de Língua Materna.



---

## 5 Resultados da análise

A partir da análise, demonstrou-se a importância da atividade epilinguística na interpretação de um enunciado cuja significação apresenta-se deslocada. Pela manipulação do exemplo (1), aproximamos a reflexão enunciativa de Culioli (1990) ao contexto de produção e interpretação de textos. Isso foi realizado pela identificação de um uso do tempo verbal que acarreta instabilidades na interpretação da situação de enunciação. A manipulação linguística do enunciado, pelas operações de parafrasagem e desambiguação, revelaram dois caminhos de interpretação do pretérito perfeito no excerto (1). A partir disso foi possível notar que embora (1) não esteja gramaticalmente inaceitável, o tempo verbal no pretérito remete a uma ancoragem temporal deslocada, pouco adequada ao excerto (1) no qual prepondera uma situação de enunciação em que não seria relevante narrar um fato - como foi demonstrado no **Esquema 1**, na **2ª estabilização possível**.

O foco de (1) não está no que aconteceu na eleição situada no passado do enunciador, mas naquilo que, por ocorrer diversas vezes, tornou-se generalizável.

Ainda que no contexto de ensino e aprendizagem haja uma tendência a se orientar os alunos a manterem o texto argumentativo no plano do comentário, a presença de uma situação enunciativa delimitada temporalmente é também um possível caminho de estabilização interpretativa, que está implicado no fato de ser possível glosar (1) das seguintes maneiras:



(1b) Depois de tanto se escutar promessas em épocas de eleições, não observamos nenhum benefício dessas promessas ao longo dos anos.

De (1b), portanto, chega-se a:

(1c) Escutei uma promessa nesta época de eleição, não vi nenhum benefício desta promessa feita ao longo do ano.

A repetição de sucessiva de ocorrências de (1c) no tempo levariam à possibilidade de generalização, expressa por (1b). Por esse motivo, linguisticamente, torna-se difícil dizer se o uso de pretérito perfeito em (1) é criativo ou errado. Defendeu-se, dessa forma, que no texto argumentativo há um movimento duplo de particularização e generalização, porém, no caso em questão, é possível apenas dizer que há um deslocamento enunciativo inadequado, pois, as interpretações de (1b) e (1c), estão, no nível epilinguístico, muito próximas. Essa discussão é de grande valia para o ensino, visto que corrobora a ideia defendida neste trabalho de que o domínio da competência linguístico-discursiva passa pela regulação do raciocínio tagarela oferecido pela atividade epilinguística. A forma de se repensar gramática passa pelo trabalho com diversas representações linguísticas, mesmo com usos que se encontram na fronteira do que se considera aceitável.



## Considerações Finais

A análise do exemplo (1) permitiu concluir que o tempo verbal utilizado traz uma inadequação de plano enunciativo temporal. No entanto, não se considera o caso apresentado em (1)<sup>x</sup> apenas como erro linguístico. Isso se justifica por meio da atividade de linguagem, a qual, segundo a TOE, sustenta tanto usos temporais estáveis quanto instáveis, ou seja, a linguagem sustenta tanto os sucessos quanto os fracassos do sujeito enunciador.

A inadequação evocada pela leitura do excerto (1) pode ser melhor explicitada quando se realiza a troca de tempo verbal a fim de se criar uma interpretação mais aceitável para a situação enunciativa em questão. Isso se demonstrou com os procedimentos de parafraseagem e desambiguação.

Retraçar essas representações linguísticas sobrepostas é de grande valia para o ensino, pois defendemos serem elas o ponto e partida para se pensar o uso dos tempos verbais na estruturação dos textos. Abre-se, com isso, a possibilidade de se criar reflexões, em sala de aula, sobre as categorias gramaticais de aspecto, modo e tempo na estruturação da narração e da argumentação.

A troca do tempo verbal provoca um exercício intelectual interessante e traz à tona a ideia de se comparar estruturas linguísticas aproximadas na busca pela adequação do significado intencionado. No caso da análise apresentada, demonstrou-se como a gramática pode ser trabalhada articulada ao texto. O verbo, por exemplo, dentre as suas



---

variadas funções no enunciado, reproduz, também, no caso do processo de escrita em contexto de ensino e aprendizagem, planos enunciativos que estão na fronteira entre o relato e o comentário<sup>xi</sup>. Afirmar isso significa que os deslocamentos enunciativos são fenômenos, recorrentes, que instabilizam os planos enunciativos. Não se trata, efetivamente, de afirmar que a estabilidade entre os planos enunciativos não exista, mas sim de reconhecer que a linguagem oferece sempre formas de se instabilizá-los. Isso, defende-se, é justamente o que possibilita a apropriação artística que se constata na literatura. Nesses textos artísticos, observa-se o ápice do processo criativo, que é quando o sujeito tem suficiente conhecimento de si próprio e do outro para construir significações inusitadas.

A narrativa literária, por exemplo, opera com as transições entre planos de enunciação e busca criar diversos sentidos que alteram a percepção da temporalidade na língua; o aluno, na produção de texto em sala de aula, acessa esses mesmos mecanismos, porém em um grau diferente<sup>xii</sup>. Reconhecer esses processos linguísticos no texto dos alunos são potenciais interessantes para se conduzir o trabalho pedagógico em sala de aula. A alteração controlada das marcas linguísticas é um procedimento que arrasta, de modo articulado, o potencial criativo dos sujeitos enunciadores e, talvez, possa levá-los a exercer maior controle sobre a atividade epilinguística.



## Referências

- ARNAULD, A & LANCELOT. **Gramática de Port-Royal, ou Gramática Geral e Razoada**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- ARISTÓTELES. Da interpretação. Trad. José Teixeira Veríssimo da Mata. São Paulo: Editora Unesp, 2013.
- AUROUX, S. **La philosophie linguistique d'Antoine Culioli**. In : La theorie d'Antoine Culioli : Overtures et incidences. Paris: Ophrys, 1991.
- BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral I**. 5ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Problemas de linguística geral II**. 2ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2006.
- \_\_\_\_\_. **As relações de tempo no verbo francês**. Bulletin de la société de linguistique. Fasc.1: LIV, 1959. BENEVENISTE, E. In: Problemas de Linguística Geral I. Campinas/SP: Pontes, 2005, p. 260-276.
- \_\_\_\_\_. **Da subjetividade na linguagem**. Journal de psychologie: P.U.F.jul.-set., 1958. In: Problemas de Linguística Geral I. Campinas/SP: Pontes, 2005, p. 284-276.
- BORBA, F.S. **Teoria Sintática**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1979.
- BOUSCAREN, J.(Org.). **La théorie d'Antoine Culioli**. Paris: OPHRYS, 1992.



BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC, 1997, 144p.

CAMPOS, M.H.C. **Tempo, aspecto e modalidade:** estudos de linguística portuguesa. Porto: Editora Porto, 1997.

CAMPOS, M.H.C; XAVIER, M.F. **Sintaxe e semântica do português.** Lisboa: Universidade Aberta, 1991.

CASTILHO, A. T. de. **A língua falada no ensino de português.** São Paulo: Contexto, 2009.

CULIOLI, A. Pour une linguistique de l' énonciation : **opérations et représentations.** Tome 1. Paris: Ophrys, 1990. 225 p.

\_\_\_\_\_. Pour une linguistique de l' énonciation : **formalisation et opérations de repérage.** Tome 2. Paris: Ophrys, 1999a. 183 p.

\_\_\_\_\_. Pour une linguistique de l' énonciation : **formalisation et opérations de repérage.** Tome 3. Paris: Ophrys, 1999b. 183 p.

\_\_\_\_\_. Transcription du seminaire de D.E.A. de A. Culioli: **recherches en linguistique:** théorie des opérations énonciatives. Paris: Département de Recherches Linguistiques: Université de Paris VII, 1999/1976. 262 p.

\_\_\_\_\_.; NORMAND, C. **Onze rencontres sur le langage et les langues.** Paris: Ophrys, 2005. 300 p.

\_\_\_\_\_. **Valeurs aspectuels et opérations énonciatives:** l' aoristique. Actes du Coloque organisé par le centre d' analyse syntaxique de l' Université de Metz. 10-20 maio, 1978. In: Pour une linguistique de l'



énonciation: formalisation et opérations de repérage - Tome 2. Paris: Ophrys, 1999.

\_\_\_\_\_. **Quelques considerations sur la formalisation de la notion d'aspect.** L'enseignement du russe, Institut d'Etudes Slaves, Paris, n. 27, abril, 1980, p.65-75. In: Pour une linguistique de l' énonciation: formalisation et opérations de repérage: Tome 2. Paris: Ophrys, 1999.

\_\_\_\_\_. **Les modalités d'expression de la temporalité sont-elles révélatrices de spécificités culturelles?.** Interfaces n. 5, CRDP, Paris, 1993 In: Pour une linguistique de l' énonciation: formalisation et opérations de repérage: Tome 2. Paris: Ophrys, 1999.

\_\_\_\_\_. **Cognition and representation in linguistic theory.**

University of o

Ottawa: John Benjamin B.V. 1995.

\_\_\_\_\_. La communication verbale. In: Encyclopédie des sciences de l'homme, Tome 4. Paris: Grand Batelière, 1965.

DANON-BOILEAU, L. Le sujet de l'énonciation: psychanalyse et linguistique. Paris: Ophrys, 1987.

\_\_\_\_\_. **Telos, aspect, actance et plan d'énonciation.** In: Opérations énonciatives et interprétation de l'énoncé: mélanges offerts à Janine Bouscaren. Paris : Ophrys, 1993.

DUFAYE, L. **La formalisation dans la Théorie des Opérations Enonciatives.** 2006-2007. 189 f. Tese – UFR d'études Anglophones, Université Paris 7 – Denis Diderot, Paris. 2006-2007.



\_\_\_\_\_. **La Représentation de l'irréel: de l'intuition aux opérations.**

In: *Anglophonia* n° 12, W. Rotgé éditeur, Toulouse : 2002 Presses Universitaires du Mirail; pp. 29-61

EVANS, V. **Language and Time.** Cambridge: New York, 2013.

FLORES, V. do N; BARBISAN L. B; FINATTO, M. J. B. TEIXEIRA, M. **Dicionário de Linguística da Enunciação.** São Paulo: Contexto, 2009.

FLORES, V do N. **Introdução à teoria enunciativa de Benveniste.** São Paul: Parábola, 2013.

FUCHS, C. **As problemáticas enunciativas: esboço de uma apresentação crítica e histórica.** In: *Revista Alfa.* São Paulo: Alfa: 1985. Vol. 29. p. 111-129.

FRANCHI, C. **Criatividade e gramática.** In: FRANCHI, C.; NEGRÃO, E.; MÜLLER, A. L. Mas o que é mesmo gramática? Organização de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 11-33.

FRANCKEL, J.J. **Da interpretação à glosa: por uma metodologia da reformulação.** In: VOGÜÉ, S. de; FRANCKEL, J-J; PAILLARD, D. *Linguagem e Enunciação: representação, referenciação e regulação.* São Paulo: Editora Contexto, 2011.

GAUTHIER, A. **Opérations enonciatives et apprentissage d'une langue étrangère en milieu scolaire: l'anglais à des francophones.** In: *Les langues modernes: Association des professeurs de langues vivantes de l'enseignement public.* Paris: Institut D' Anglais Charles V, 1981. p. 482-499.



HOPPER, P.J. THOMPSON, S.A. **Tansitivity in Grammar and Discourse**. In: Language, vol. 56, n. 2, p. 251-299, jun. 1980.

KOCH, I. G. V. **Argumentação e linguagem**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1987.

ONOFRE, M.B. **Operações de linguagem e implicações enunciativas da marca “Se”**. 2003. 174 f. Tese – Unesp, Araraquara. 2003.

LIMA, R. Gramática Normativa da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

LOPES, M. C. R. **Estudo semântico do pretérito perfeito**: variações interpretativas e regularidades de funcionamento. In: REZENDE, L.M. ONOFRE, M.B. Linguagem e línguas naturais: diversidades experiencial e linguística. São Carlos: Pedro e João Editores, 2006.

\_\_\_\_\_, M. C. R. **Gramática Operatória e Ensino de Línguas**. In: O que são língua e linguagem para os linguistas. Orgs: REZENDE, L.M; CAGLIARI, G.M; BARBOSA, J.B.B. Araraquara: FCL-UNESP, 2007

MATA, JOSÉ.T.V. **Comentários**. In: ARISTÓTELES. Da interpretação. Trad. José Teixeira Veríssimo da Mata. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

REZENDE, L. M. **A indeterminação da linguagem e o conceito de atividade no ensino de língua materna**. In: Estudos linguísticos, São Paulo, v. 40, n. 2, p. 707-714, maio/ago. 2011. Disponível em: <[http://gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/40/el.2011\\_v2\\_t20.red6.pdf](http://gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/40/el.2011_v2_t20.red6.pdf)>. Acesso em: fev. 2014.

REZENDE, L.M. **Atividade epilingüística e ensino de língua portuguesa**. In: Revista do GEL, S. J. do Rio Preto, v. 5, n. 1, p. 95-108, 2008.





REZENDE, L. **Léxico e gramática:** aproximação de problemas linguísticos com educacionais. V. 1. Tese de Livre Docência. Araraquara: Unesp – Faculdade de Ciências e Letras, 2000.

REZENDE, L. **Educação e sociedade:** o ensino de línguas. In: Didática, São Paulo v. 28, p.151-153. 1992.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral.** Trad. Antonio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultix, 2006.

SIMONIN-GRUMBACH, J. **Pour une typologie des discours.** In: Langue, Discours, société pour Émile Benveniste. Kristeva, J., MILNER, J-C; RUWET, N. (Orgs.). Seul: Paris, 1975, p. 85-121.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Na trilha da gramática:** conhecimento linguístico na alfabetização e letramento. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

TZEVELEKOU, M. **Catégorisation lexicale et aspect:** le système aspectuel du grec moderne Tese. Paris: Université Paris 7 – Denis Diderot, 1995.

VOGÜÉ, S de; PAILLARD, D. **Modos de presença do outro.** De VOGÜÉ, S; JEAN-JACQUES, F; PAILLARD, D. In: Linguagem e Enunciação: representação, referenciação e regulação. São Paulo: Contexto, 2011.

VOGÜÉ, S. de. **Des temps et des modes.** In: Les gré des langues, Paris : L'harmattan n°6, 1993.

VOGÜÉ, S. de. **Discret, dense et compact:** les enjeux d'une typologie lexicale. In: La notion de prédicat. FRANCKEL, J-J. (Org.). Paris : Université Paris 7, 1989.



VOGÜÉ, S de. Culioli après Benveniste: énonciation, langage, intégration.

In: Lectures d'Emile Benveniste, LINX 26, p. 77-105, 1992.

VOGÜÉ, S. de; FRANCKEL, J.J.; PAILLARD, D. **Linguagem e enunciação**: representação, referenciação e regulação. São Paulo: Contexto, 2011.

WEINRICH, H. **Le Temps** : le recit e le commentaire. Paris: Editions du Seuil, 1973.

VOGÜÉ, S. de; FRANCKEL, J.J.; PAILLARD, D. **Linguagem e enunciação**: representação, referenciação e regulação. São Paulo: Contexto, 2011.

VIGNAUX, G. **Le discours acteur du monde**: énonciation, argumentation et cognition. Paris: Ophrys, 1988.

<sup>i</sup> Será apresentado adiante.

<sup>ii</sup> Doravante TOE.

<sup>iii</sup> Texto literários utilizam muito esses recursos.

<sup>iv</sup> Reproduzimos o excerto com a grafia original.

<sup>v</sup> Termo a ser melhor explicitado na metodologia.

<sup>vi</sup> Na maioria dos casos, estamos considerando locutor equivalente a sujeito enunciador. Não obstante, na teoria culioliana, há, também, um nível fronteiroço, entre o linguístico e o extralinguístico, quando se utiliza o termo sujeito enunciador.

<sup>vii</sup> Como no exemplo clássico em que as frases O chapéu é de Paulo é equivalente a Paulo está com o chapéu. Em algum momento, O Paulo e o chapéu precisam estabelecer uma relação de identificação em que o “possuidor possui o possuível e o possuível é possuído” pelo possuidor.

<sup>viii</sup> A recuperação da situação enunciativa é linguística.

<sup>ix</sup> Sit (S,T).

<sup>x</sup> Como também constatamos no *corpus* da pesquisa de Doutorado.

<sup>xi</sup> I.E. discurso e história.

<sup>xii</sup> Diríamos menos consciente.